





O Teatro Nacional S. João apresenta

**“Os Gigantes da Montanha”**

de **Luigi Pirandello**

Produção

**Teatro Nacional S. João**

Colaboração do **Teatro Nacional D. Maria II**

**Porto, 19 de Setembro a 11 de Outubro**

# OS GIGANTES DA MONTANHA

(I GIGANTI DELLA MONTAGNA - 1931-34)

DE LUIGI PIRANDELLO

TRADUÇÃO DE RITA MARNOTO

<b>Encenação / Cenografia</b>	Giorgio Barberio Corsetti
<b>Figurinos</b>	Manuel Alves/José Manuel Gonçalves
<b>Música</b>	Daniel Bacalov
<b>Direcção de Imagem</b>	Fábio Iaquone
<b>Canto e Elocução</b>	Luís Madureira
<b>Desenho de Luz</b>	Daniel Worm d'Assumpção
<b>Desenho de Som</b>	Francisco Leal

## Elenco

A Companhia da Condessa:	
ILSE - A CONDESSA	Maria Amélia Matta**
O CONDE	Miguel Guilherme
DIAMANTE	Lígia Roque
CROMO	Jorge Vasques
PINGUINHAS/Fantoche	José Neves*
BATALHA	Luís Madureira
LESMAS	Marcantonio Del-Carlo

COTRONE João Grosso\*

Os azarentos:

QUAQUÁ/Fantoche	Paulo Castro
O DUQUE do DUCHE/ Fantoche	Alberto Magassela
A ESGRÍNIA	Fernanda Alves**
MILORDINHO/Fantoche	João Pedro Vaz
MARA-MARA/MADALENA/Fantoche	Micaela Cardoso

VIOLINISTA Richard Tomes

\* Gentilmente cedido pelo Teatro Nacional D. Maria II

\*\* Teatro Nacional D. Maria II / Elenco residente

**Movimento** Né Barros

**Assistentes de encenação** Marcantonio Del-Carlo e Raquel Silva

**Assistente de Cenografia** Paulo Mendonça

**Direcção de Cena** Carlos Miguel Chaves

**Assistentes** Paulo Brandão, Pedro Guimarães  
e Ricardo Silva

**Operação de som** José Fernando Almeida

**Operação de Luz** Abílio Vinhas e Rui Gonçalves

**Maquinistas** Carlos Oliveira, Joaquim Marques,  
Ilídio Pontes, Jorge Silva,  
António Quaresma e Filipe Silva

<b>Fotografia de cena</b>	João Tuna
<b>Cenário</b>	Carlos Oliveira, Joaquim Marques, Ilídio Pontes, Jorge Silva, António Quaresma, Filipe Silva e Carlos Coelho
<b>Adereços</b>	Guilherme Monteiro e Dora Pereira
<b>Assistentes de Aderecistas</b>	Francisco Ornelas, Paulo Soares, Sandra Maónia, Nuno Lucena e Paulo de Oliveira
<b>Guarda-Roupa</b>	Manuel Alves/José Manuel Gonçalves, Criações Têxteis, Lda
<b>Maquilhagem</b>	Cristina Araújo e Margaret Barbolo
<b>Cabeleireiro</b>	Jorge Lima Cabeleireiros
<b>Criação e execução de cabeleiras</b>	Paulo Vieira
<b>Auxiliares de Camarim</b>	Fátima Roriz, Eduarda Rodrigues, Ana Maria Fernandes e Virgínia Pereira
<b>Produção</b>	Teatro Nacional S. João
<b>Estreia</b>	19 de Setembro de 1997

## Os nossos “Gigantes”

Quando passei episodicamente, pela Direcção do TNDMII, em 89-90, convidei Giorgio Barberio Corsetti (que só muito mais tarde conheci pessoalmente) a vir a Lisboa dirigir *As Troianas* de Eurípedes, cuja tradução Helena da Rocha Pereira estava entretanto a fazer. O projecto viria a cair.

Na altura, Giorgio Barberio Corsetti ficou surpreendido com a minha ideia. O seu trabalho, fortemente marcado pela vertente performativa, estava, se quisermos, *do lado oposto* ao da encenação de peças de teatro. A marca distintiva dos seus espectáculos, de facto, poderá ser a de uma construção dramaturgica livre que opera a sua narração sobre a simultaneidade e paridade de elementos visuais activos e dinâmicos, a exploração de um jogo de actor empenhado, físico, mas de tendência abstractizante, a fundação de uma narrativa que, contando muitas vezes uma *história*, lhe interpõe sistematicamente tecnologias e sinais outros de desconstrução.

Numa década, a de 80, em que o teatro na Europa se deixava finalmente abalar pelas rupturas no desenho do espaço e na *duração* que nos chegavam de outros continentes e de outras disciplinas, e por novos entendimentos do performativo.cénico, o trabalho de Corsetti ancorava-se porém, por sistema, no texto. Escolhendo obras marcadas pela interrogação e o mal estar, Corsetti tentou sempre articular um imenso prazer e originalidade nos jogos cénicos com uma empenhada busca do que poderemos chamar a *palavra por detrás* do virtuosismo do corpo.

Ao convidar Corsetti a pôr em cena uma peça (\*) pensava, com alguma ingenuidade é

(\*) Não é esta, no entanto, a única que Giorgio Barberio Corsetti encenou.

certo, que seria fascinante aplicar uma linguagem tão desenvolvida e radical à interpretação de um texto de matriz rigorosamente teatral, reacondicionando as liberdades de discurso à lógica interna de uma obra, escrita, desde a origem, para a representação.

A lista de obras em que fomos pensando - da Tragédia Grega, a Calderón (*A Vida é Sonho*, *O Grande Teatro do Mundo*) e a Pirandello, têm como traço comum a busca de um sentido para a condição humana, a inscrição dos conflitos humanos numa espécie de arqueologia de mitos, e o uso temático da *ilusão*, como mecanismo esclarecedor dessa mesma busca.

Quando, em 96, decidimos em Roma que Giorgio Barberio Corsetti afrontaria a pesada memória dos *Gigantes da Montanha*, de que G. Strehler fizera várias montagens históricas, creio que nos tínhamos mutuamente convencido de que esta peça otimizada o ciclo de reflexões sobre o disfarce e a máscara que eu me propunha programar para o São João, ao mesmo tempo que permitia explorar essa espécie de alucinação (pirandelliana) que obriga o actor a uma clarificação obsessiva de vários graus de mistificação e portanto ao questionamento *ad infinitum* da fronteira entre a aplicação de uma *técnica* de representar e a identificação sincera com o representado.

Corsetti tem-nos visitado com regularidade, assistiu aos nossos espectáculos (não só aos deste Teatro) e aos nossos ensaios. Por todas as vias, o seu trabalho em *Os Gigantes da Montanha* inscreve-se num entendimento mais do que cúmplice do que tem sido projecto desta casa - um jogo entre o mais elaborado trabalho com os intérpretes e a sua inscrição num universo *cenográfico*, ele próprio uma elaboração, fortemente tecnológico, eclético, amplo de gesto e de metáfora.

Corsetti e os seus cúmplices colaboradores, não receiam o hedonismo que resulte do jogo fascinante de alguns meios. O uso do vídeo, por exemplo, com que Fabio Iaquone e Corsetti têm conseguido algumas experiências, a todos os títulos notáveis, aumentando como

aumenta o nosso fascínio pela multiplicação de leituras do corpo em cena, resulta afinal num dos meios de *desmascaramento* destes estranhos personagens, de desmaterialização da sua sempre enganadora *realidade*.

Entendida nesta obra, a *representação* (ou a *vida de actor*) como fuga para a frente, como afirmação de uma ética (teatral) que os gigantes irão brutalmente suprimir, será o palco, apenas, um lugar poético de suspensão do tempo e do seu significado, casa de fantasmas, lugar de exaltada penúria, anacronismo incontornável?

Não alimentamos neste Teatro Nacional auto-complacências, nem glorificações da prática teatral como lugar de auto-referência e nostalgia. De Pirandello a Eduardo De Filippo, com os nossos distintos colegas (italianos neste caso), procuramos aumentar sempre as hipóteses, felizmente infundáveis, de sobrevivência artística. Todas se legitimam pelo próprio processo de trabalho, pela busca de um conjunto de traços que vão permitindo ao público aumentar o prazer do seu esforço de leitura e conseqüentemente a sua exigência quanto ao que gostaríamos de poder chamar o *estilo* desta casa.

Como é sabido, este Teatro Nacional não tem elenco residente, companhia contratada em permanência.

Ao longo destes dois anos, sobretudo em produções próprias, um conjunto de artistas tem, porém, vindo a identificar a sua imagem (de forma quase exclusiva) com o S. João dando corpo ao princípio, agora consagrado na Lei Orgânica, de que "O T.N.S.J. pode estabelecer acordos de associação artística regular com actores, independentemente da natureza jurídica dos respectivos laços contratuais com o T.N.S.J.". Naturalmente, estes acordos só fazem sentido quando balizados pelo tempo do mandato e pela estratégia de cada Director Artístico. Aliás, os encenadores, e Corsetti foi um caso, têm insistido em trabalhar com

estas pessoas (em associações naturalmente variadas), o que, supomos, atesta da coerência do projecto de produção da casa.

Este espectáculo conta ainda com um conjunto de actores do D. Maria II, do elenco residente e contratados, numa amável colaboração do meu colega Carlos Avilez. Esperamos que o espectáculo evidencie a naturalidade da escolha. Todos estes artistas são velhos companheiros de aventuras cénicas passadas que se caracterizaram, entre outras coisas, pela liberdade, por vezes incómoda, de experimentar e fazer diferente.

Por instinto, os que aqui estão regularmente, assumiram o papel hospitaleiro dos que acolhem. Todos vivemos na consciência da efemeridade de todas as experiências de palco. Todos nós, incluindo Giorgio Barberio Corsetti, sabemos da raridade deste momento. O sentido da oportunidade, mais do que um pressuposto, é aqui um traço da própria metodologia de trabalho.

Ricardo Pais



Design **Atelier João Nunes**

Colaboração **Lúcia Nunes e Paula Simões**

Fotografia **Pedro Lobo**

Seleccção e Tradução **Rita Marnoto** (textos 1, 8, 9, 11, 12, 13)

Seleccção e Tradução **Lígia Roque** (textos 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10)

Spot **Fábio Iaquone**

Manipulação de Imagem **João Nunes**

Pré-Press **Esag**

Impressão **Marca Artes Gráficas**

Treze chaves para a leitura de

"OS GIGANTES DA MONTANHA"



# Alberto Magassela

Duque do Duche / Fantoche

*Informações acerca da minha involuntária estadia à face da terra.*


Não gosto de falar nas costas de ninguém e por isso, agora que prevejo que a minha partida esteja próxima, vou dizer a todos, na cara, as informações que darei se no além me forem pedidas notícias acerca desta minha involuntária estadia à face da Terra, onde caí numa noite de Junho como um **pirilampo**, por baixo de um grande pinheiro solitário, num campo de oliveiras saracenas que ficava na margem de um planalto de argila azul, debruçado sobre o mar africano. Sabe-se, os pirilampos, como são. A noite, a sua escuridão, parece que a faça para eles que, voando não se sabe para onde, ora aqui, ora ali, abrem por um momento aquele lânguido jorro de luz verde. De vez em quando, cai um, e vê-se e não se vê aquele suspiro verde de luz na terra que parece perdido na lonjura. Assim caí eu ali naquela noite de Junho, quando tantos outros pirilampos amarelos entreluziam numa colina onde havia uma cidade que, naquele ano, padecia por causa de uma grande mortandade.

Apavorada pela calamidade, minha mãe punha-me no mundo antes do tempo previsto, naquela solitária e longínqua aldeia onde se tinha refugiado. Um dos meus tios ia por aqueles campos com uma **lanterna** na mão à procura de uma mulher que ajudasse minha mãe a pôr-me no mundo. Mas minha mãe já se tinha ajudado a si própria e eu nasci antes que aquele meu tio voltasse com a mulher. O meu nascimento foi tirado do campo, para **ser registado** na pequena cidade situada na colina. Entre as tantas pessoas que, naquele ano, morriam a todo o momento, um que nascia era como uma **re-aparição** à qual era dada tanto mais importância, quanto mais era insignificante e mesquinha. Penso, porém, que fosse coisa certa para os outros, que devia nascer ali e não noutra sítio e que não devia nascer nem antes nem depois. Mas confesso que não tenho uma ideia precisa acerca de todas estas coisas, nem tão pouco espero vir a tê-la. Minha mãe que, entre vivos e mortos, meninos e meninas, pôs no mundo nove filhos, nem ela nunca teve a certeza de que, para além da longa pena de os trazer dentro de si e das dores do parto, neles tivesse posto algo mais para lhes dar vida.

(...)

Ora eu não direi nada acerca da **minha vida** que, tal como a **de um outro**, não tenha qualquer espécie de importância, pelo menos do ponto de vista a partir do qual a olho. De resto, já nem a vejo. Existe, enfim, com toda a Terra, como se não fosse nada. Será por esta razão que não poderei dar qualquer informação acerca dela. Mal me liberte da ilusão dos sentidos, serei como aquele indelével salpico imprevisível no qual se extingue uma bola de sabão. Luz e cor, movimento. Tudo será como nada. E silêncio.

[Luigi Pirandello, *Informazioni sul mio involontario soggiorno sulla terra: Saggi, poesie, scritti vari*, 1107-8]]



“Procuremos seguir, como quem passeia, os **pirilampos** perdidos, que seriam as nossas **lanternas**, na escuridão do destino humano.”

[Luigi Pirandello, *Il fu Mattia Pascal*. Milano, Mondadori, 1960, 192].

Luís Madureira

---

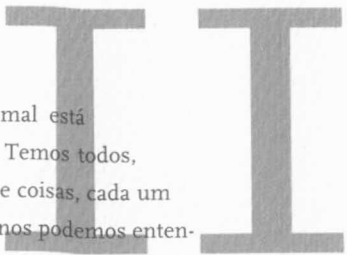
Batalha

“Então de repente” escreve o crítico “um jorro de humanidade invade estas personagens, as marionetas tornam-se, de modo imprevisito, criaturas de carne e sangue, e palavras que queimam a alma e dilaceram o coração saem dos seus lábios”.

Desafio! Descobriram o **seu vulto nu**, individualizado, sob aquela **máscara**, que as tornava **marionetas** de si próprias, ou as punha nas mãos de outrém, que, primeiro, fazia com que parecessem duras, lenhosas, angulosas, sem perfeição e sem delicadeza, complicadas e desaprumadas, como tudo o que é concebido e construído não com liberdade, mas por necessidade, numa situação anormal, inverosímil, paradoxal, de tal forma que elas, por fim, não a puderam suportar mais e a destruíram.

A confusão, se existe, então é desejada, o mecanismo, se existe, então é desejado, mas não por mim, antes pela própria história, pelas próprias personagens, e descobre-se logo, de facto: muitas vezes é orquestrado propositadamente e posto debaixo dos olhos no próprio acto de o orquestrar e de o conceber, é a máscara para uma representação, o jogo das partes, aquilo que queríamos ou devíamos ser, **aquilo que parece aos outros que somos**, enquanto **aquilo que somos** não o sabemos, até um certo ponto, nem nós mesmos. A desajeitada, incerta, metáfora de nós, a construção, muitas vezes fantásiosa, que fazemos de nós, ou que os outros fazem de nós: portanto, na verdade, mecanismo, sim, no qual cada um voluntariamente, repetido, é a marioneta de si mesmo, e depois, no fim, o pontapé que manda tudo para o ar.

Creio que só me resta congratular-me com a minha fantasia se, com todos os seus escrúpulos, fez com que aparecessem como defeitos reais aqueles que ela queria: defeitos daquela fictícia construção que as personagens colocaram sobre elas e sobre a sua vida, ou que outrém colocou por elas, em suma, **os defeitos da máscara até que se descobre nua**.



[O Pai] Mas se o mal está  
todo aqui! Nas palavras! Temos todos,  
dentro de nós, um mundo de coisas, cada um  
o seu mundo de coisas! Como nos podemos enten-  
der, meu caro Senhor, se nas palavras que eu digo  
ponho o sentido e o valor das coisas como estão dentro  
de mim, ao passo que quem as ouve as assume, inevita-  
velmente, com o sentido e o valor que têm para si, do  
mundo conforme o traz dentro de si? Pensamos que  
nos entendemos, e nunca nos entendemos!

[Luigi Pirandello, *Sei personaggi in cerca  
d'autore*. Milano, Mondari,  
1959, 38].

Micaela Cardoso

Mara-Mara / Madalena / Fantoche

Em certos momentos de silêncio interior, nos quais a nossa alma se despe de todas as ficções habituais e os nossos olhos se tornam mais agudos e penetrantes, vemo-nos a nós próprios na vida e a vida nela própria, quase numa nudez árida, inquietante. Sentimo-nos assaltar por uma estranha impressão, como se, num relâmpago, se iluminasse uma realidade diversa daquela que normalmente percebemos, uma **realidade que vive para além da vista humana, fora das formas da razão humana**. Com uma lucidez extrema, então, a estrutura da existência quotidiana, quase suspensa no vazio daquele nosso silêncio interior, parece-nos desprovida de sentido, desprovida de objectivos. E aquela realidade diversa parece-nos horrenda na sua crueza impassível e misteriosa, pois todas as nossas fictícias relações habituais de sentimentos e de imagens se cindiram e se desagregaram nela. O **vazio interior** alarga-se, ultrapassa os limites do nosso corpo, torna-se **vazio à nossa volta**, um estranho vazio, como uma paragem do tempo e da vida, como se o nosso silêncio interior precipitasse nos abismos do mistério. Com um esforço supremo procuramos então readquirir a consciência normal das coisas, reatar as nossas habituais relações com elas, reunir ideias, sentimo-nos vivos de novo como dantes, do habitual modo. Mas nessa consciência normal, nessas ideias que reunimos, nesse habitual sentimento da vida, já não podemos confiar, porque sabemos doravante que são um nosso **engano para vivermos** e que por baixo deles existe uma **outra** coisa, perante a qual o homem não se pode debruçar, sob pena de morrer ou de enlouquecer. Foi um momento. Mas perdura em nós a impressão que causou, como uma **vertigem**, em contraste com a estabilidade, pese embora o seu carácter vão, das coisas: ambiciosas ou míseras **aparências**. A vida, então, que rodopia na sua pequenez e na sua habitual rotina, entre estas aparências, parece que já não exista de verdade, que seja como uma **fantasmagoria mecânica**.

As barreiras, os limites que nós colocamos à nossa consciência, são também eles **ilusões**, são as condições do aparecimento da nossa individualidade relativa. Mas, na realidade, esses limites de forma alguma existem. Não apenas nós, tal como **agora somos**, vivemos em nós mesmos, mas também nós, tal como **já fomos** num outro tempo, vivemos agora e sentimos e pensamos com pensamentos e afectos já obscurecidos por um longo esquecimento, riscados, apagados na nossa consciência presente, mas que, quando recebem um encontrão, perante um tumulto imprevisto do espírito, ainda podem dar prova de vida, mostrando que está vivo em nós um outro ser insuspeito.

[Luigi Pirandello, *L'umorismo*:  
*Saggi, poesie, Scritti varii*,  
149-50]

Paulo Castro

Quaquá / Fantoche